

## Causativização e valência em Asuriní do Xingu

Antônia Alves Pereira

Universidade Federal do Pará/Universidade Estadual de Campinas, Brasil

<https://orcid.org/0000-0001-5167-9808>

**ABSTRACT:** Causativization is a recurrent phenomenon in languages. It is conceived as a morphosyntactic mechanism that affects both the structure and the functioning of a sentence, with the valency increase being one of the most visible and discussed effects in the literature on causativization. The objective of this work is to discuss how it affects valency in the Asuriní do Xingu, Tupí-Guaraní language, spoken by the Asuriní do Xingu people, who live in the municipality of Altamira, state of Pará. The work starts from the use of different verb types in the basic and derived forms by causativization, verifying the semantics and morphosyntax of the derived sentences, especially those effects directly linked to verbal valency. There are three morphological causatives found in the language: {*mu-*}, {*eru-*} and {*-ukat*}, express different types of causativization and affect the valency of the construction. When they are attached to a verb, they introduce a new participant in the discourse, who assumes the role of *CAUSER*, giving rise to yet another argument in the sentence: monovalent verbs become bivalent and the latter become trivalent. Thus, the work supports the existence of a close relationship between causativization, transitivity and valency increase in the language.

**KEYWORDS:** Causativization; Verbal Valency; Morphosyntax; Tupi-Guarani languages

**RESUMO:** A causativização é um fenômeno recorrente nas línguas. É concebida como um mecanismo morfossintático que afeta tanto a estrutura quanto o funcionamento de uma sentença, sendo o aumento de valência um dos efeitos mais visíveis e discutidos na literatura. Partindo dessa visão, o objetivo deste trabalho é discutir como a causativização afeta a valência no Asuriní do Xingu, língua Tupí-Guaraní, falada pelo povo Asuriní do Xingu, que vive no município de Altamira, estado do Pará. O trabalho parte do uso de diferentes tipos verbais nas formas básicas e derivadas por causativização, verificando a semântica e a morfossintaxe das sentenças derivadas, especialmente, no que se refere aos efeitos diretamente ligados à valência verbal. São três os causativos morfológicos encontrados na língua: {*mu-*}, {*eru-*} e {*-ukat*}, expressam distintos tipos de causativização e afetam a valência da construção. Ao se anexarem a uma raiz verbal, introduzem um novo participante no discurso, que assume o papel de *CAUSER*, fazendo surgir mais um argumento na sentença: verbos monovalentes passam a bivalentes e estes últimos a trivalentes. Dessa forma, o trabalho sustenta a existência de uma estreita relação entre causativização, transitividade e aumento de valência na língua.

**PALAVRAS-CHAVE:** Causativização; Valência verbal; Morfossintaxe; Línguas Tupí-Guaraní

### 1. Introdução

A causativização é um fenômeno recorrente nas línguas, sendo analisada como um mecanismo morfossintático que atinge tanto a estrutura como o funcionamento de uma sentença já que ela afeta os componentes semântico, morfológico e sintático. O aumento de valência é um dos efeitos mais visíveis e discutidos na literatura sobre causativização. Partindo dessa visão, o objetivo deste trabalho é discutir como a causativização atinge a valência no Asuriní do Xingu, língua Tupí-Guaraní, falada pelo povo asuriní do Xingu, que vive no município de Altamira, estado do Pará. Para atingir essa meta, o trabalho parte do uso dos diferentes causativos anexados a distintos tipos verbais em sentenças simples, verificando a semântica e a morfossintaxe das sentenças derivadas por causativização, especialmente, no que concerne ao aumento de valência.

O trabalho segue os pressupostos da linguística tipológico-funcional. Os dados foram coletados por nós durante nossas pesquisas junto ao povo e são provenientes de elicitaciones, narrativas míticas, narrativas de experiência pessoal e conversas em contexto natural, sendo testados, posteriormente, com o apoio de falantes nativos. Alguns autores, cujas obras serviram

como suporte teórico para esse trabalho foram: Comrie (1989), Creissels (2016), Dixon (2000), Dixon & Aikhenvald (2000), Haspelmath & Müller-Bardey (2001), Kemmer & Verhagen (1994), Shibatani (2002), Shibatani & Pardeshi (2002), Kulikov (2010), Velupillai (2012), Song (2014).

O artigo está dividido em três partes. Na primeira, são discutidas as características básicas da causativização e da valência, verificando-se como elas se relacionam nas línguas em geral. Na segunda parte do trabalho, discute-se como o uso dos causativos morfológicos afeta a valência na língua Asuriní do Xingu, descrevendo-se os diferentes efeitos da causativização nas sentenças. Por fim, são apresentadas as considerações finais.

## 2. Causativização e valência: aspectos tipológicos

A causativização é um fenômeno universal (Fillmore 1976: 182) que envolve os componentes semântico, morfológico e sintático de uma língua, fazendo surgir construções derivadas, pois afeta a significação da sentença, a valência verbal e, conseqüentemente, a sentença nos níveis sintagmático, funcional e argumental. Dessa forma, constitui, *per se*, um artefato de suma importância para análise e descrição de uma língua, sendo a valência um dos aspectos que têm despertado grande interesse dos linguistas, conforme Comrie (1989).

As construções derivadas por causativização são complexas, pois fundem dois eventos: o evento causador da situação causativa no qual o *CAUSER* faz ou inicia alguma coisa para desencadear o evento causado, e o evento causado, isto é, o evento em que o *CAUSEE* pratica uma ação ou sofre uma mudança de condição ou estado como resultado do evento desencadeado pelo *CAUSER* (Comrie 1989: 165). Essa fusão de dois eventos distintos em um único evento faz com que o novo predicado tenha sua valência aumentada, pois a derivação causativa, conforme Kulikov (2010: 386), adiciona o significado ‘causa’ à proposição e acrescenta um novo participante, o *CAUSER*, que assume, obrigatoriamente, a posição do sujeito, seguindo a hierarquia das relações gramaticais: Sujeito>Objeto Direto> Objeto indireto> Objeto Oblíquo. Diante disso, o *CAUSEE*, expulso da posição de sujeito pelo *CAUSER*, é rebaixado na hierarquia das relações gramaticais, podendo ocupar a posição mais alta que esteja livre, por exemplo, a posição de objeto direto quando se tratar de um verbo intransitivo que se transitivou.

A tipologia linguística apresenta os causativos divididos em três tipos: lexical, morfológico e sintático ou perifrástico. A causativização lexical é expressa através do léxico, isto é, um verbo carrega a noção de causa, sem que a semântica seja depreendida a partir de uma relação gramatical ou recurso formal, ou seja, o sentido causal faz parte da semântica do verbo, sendo o predicado causal expresso numa forma que não guarda relação com o predicado não causal. Predicados causal e não causal são expressos por formas supletivas, como o par matar/morrer em português. Conforme Kemmer & Verhagen (1994: 118) “verbs that are discernibly semantically causative, but are not formally analyzable into two morphemes”.

No que se refere aos causativos morfológicos, são expressos através de um morfema. A uma forma básica do verbo é adicionado um morfema: afixo ou outra forma, como coloca Dixon (2000), responsável por atribuir a semântica de causativização ao verbo derivado.

Já na causativização sintática, os predicados de causa e efeito são expressos por verbos distintos. Conforme Song (2010: 261) “The syntactic causative type is an exponent of the isolating or analytic type in the morphologically based typology in that the predicate of cause and that of effect are separate lexical verbs”.

Shibatani & Pardeshi (2002) e Comrie (1989: 172), analisando esses três tipos de causativos no *continuum* tipológico, propõem que o causativo lexical e o causativo morfológico

estão mais para a causativização direta,<sup>1</sup> pois nesta a situação causativa comunga do mesmo espaço e tempo de acontecimentos dos eventos causa e efeito. Conforme Shibatani & Pardeshi (2002: 90) “The notion of direct causation emanates from conceptualization of a causative situation as involving the same spatiotemporal profile for the causing-event segment and the caused-event segment”. Além disso, um causativo lexical expressa uma causação mais direta, ou um vínculo mais estreito entre causa e evento, do que um causativo analítico, como coloca Velupillai (2012: 262). Já o causativo sintático está mais para a causativização indireta, visto que nesse tipo de construção os acontecimentos envolvem tempo e espaço distintos: “Indirect causation, on the other hand, refers to conceptualization of a causative situation as involving two relevant sub-events that have two distinct temporal profiles and two potentially distinct spatial profiles” (Shibatani & Pardeshi 2002: 90).

A valência, conforme Haspelmath & Müller-Bardey (2001: 1), é encontrada nas classes de palavras verbo, nome e adjetivo, e em certos tipos de palavras funcionais, como as adposições. O verbo é a classe de palavra que por excelência se destaca ao apresentar diversos padrões de valência, bem como relevantes operadores de alteração de valência. A valência é encontrada no verbo em sua forma básica, sendo a partir dela, primariamente, determinado o número de argumentos. Entretanto, as línguas também dispõem de vários meios para manifestá-la e ajustá-la, podendo aumentá-la, reduzi-la ou reorganizá-la através de mecanismos morfológicos, sintáticos ou ambos combinados.

A valência pode ser abordada de um ponto de vista tradicional, segundo o qual ela se refere ao número dos distintos tipos de elementos que ocorrem em associação com um verbo (Talmy 2007). Pode ser analisada de forma binária, refletindo sobre os papéis dos participantes e sobre o número de argumentos na cláusula em que o verbo é o predicador principal. Desse ângulo, verifica-se que a valência pode ser analisada de um ponto de vista semântico e de um ponto de vista sintático. Autores como Creissels (2016), Payne (1997) e Velupillai (2012) sustentam essa posição. Segundo essa última autora, a valência semântica se refere à quantidade de participantes necessários a um verbo, e a valência sintática se refere à quantidade de argumentos que estão presentes na cláusula. Ainda em conformidade com essa autora, a valência semântica de um verbo se mantém inalterada, já a valência sintática pode sofrer alterações diante do uso de operadores de mudança de valência.

Creissels (2016: 16), utilizando-se do termo valência no mesmo sentido de Velupillai (2012), sustenta que o uso do verbo pode fazer surgir diferentes valências. Em português, por exemplo, podemos analisar o verbo *esquentar* como transitivo em a) *Ele esquentou a comida* e como intransitivo em b) *O sol esquentou*. Dessa forma, pode-se perceber que os diferentes usos de um mesmo verbo podem revelar estruturas argumentais distintas, ou seja, padrões de valências verbais diferentes: bivalente em um caso, monovalente em outro.

Nesse sentido, o estudo da valência verbal parte da semântica do verbo em sua forma básica, que sugere os tipos de participantes que ele pode comportar, fornecendo pistas dos tipos de complementos que poderão ser exibidos sintaticamente. Entretanto, cabe destacar que embora exista uma relação importante entre papéis semânticos e funções sintáticas, essa relação não é absoluta: nem sempre há uma correspondência entre um papel semântico e uma função sintática. Assim, é de suma importância o estudo da valência partindo-se da ideia dos papéis semânticos ou da função que os participantes desempenham no discurso, mas sempre tendo em mente que campo semântico e campo sintático não se equivalem.

Os causativos são apontados na tipologia como uma categoria usada na operação de aumento de valência verbal. Dessa maneira, um verbo, cuja forma básica seja monovalente, pode passar a bivalente diante da derivação por causativização. O efeito sintático imediato

<sup>1</sup> Autores como Haiman (1983), *apud* Velupillai (2012: 262), analisam o causativo morfológico como um tipo intermediário entre a causativização direta dos lexicais e a causativização indireta dos sintáticos.

dessa operação é o aparecimento de mais um argumento na sentença, isto é, o aparecimento de mais um sintagma na sentença, cuja função sintática é sujeito. Essa operação provoca rearranjos estrutural e funcional na sentença. Dado que o causativo sempre fará o argumento introduzido ocupar a posição de sujeito, é necessário que o argumento que ocupava essa função originalmente se desloque e ocupe outra posição. Quando o verbo base é intransitivo, tende a ocupar a função de objeto, seguindo a hierarquia universal proposta por Comrie (1989), sendo semanticamente paciente, já que se deslocou da função original e é afetado pelo novo sujeito agente na sentença derivada. Entretanto, quando o causativo se afixa a um verbo base transitivo, Haspelmath & Müller-Bardey (2001: 12) apontam que o *CAUSEE*, o argumento rebaixado na hierarquia gramatical, visto que expulso da posição de sujeito, pode assumir três diferentes funções nas línguas: a) tornar-se objeto indireto, b) ser expresso por um instrumental e c) tornar-se um objeto direto, passando o padrão de valência causativa a conter dois objetos diretos.

Dessa maneira, conforme Haspelmath & Müller-Bardey (2001), a função que o *CAUSEE* ocupa no padrão de valência derivado, isto é, na sentença derivada, pode depender do grau de controle do *CAUSER* sobre o *CAUSEE*:

The place of the causee in the derived valence pattern may depend on the degree of potential control that the causee participant has over the realization of the base verb content, or, vice versa, the degree of affectedness by the causer. A completely dependent causee will be realized as a direct object (or accusative), a constellation found with many intransitive bases. A less affected or more active (or simply animate) causee will tend to be expressed as an indirect object (or dative). The causee as the executor of an action often surfaces as an instrumental. (Haspelmath & Müller-Bardey 2001: 14)

A causativização direta e a causativização indireta se relacionam com o padrão de valência verbal à medida que na primeira o agente faz alguma coisa; já na causativização indireta, um agente leva ou manipula outro participante a realizar o evento descrito no verbo. Em termos de padrão de valência, na causativização direta há menos participantes; já na causativização indireta há mais participantes.

Adotamos, neste trabalho, a valência verbal em termos semânticos e em termos sintáticos por entender que ambas andam juntas, sendo complementares, mas não equivalentes. Adotamos a mudança de valência numa abordagem tipológico-funcional: funcional no sentido que o significado do verbo é alterado de acordo com o operador de mudança que deu origem a sentença derivada. Um causativo, por exemplo, amplia o escopo da significação do verbo para incluir o *CAUSER* anterior, e tipológico por verificarmos como o Asuriní do Xingu se comporta em relação às demais línguas que apresentam o causativo como um operador que possibilita o aumento de valência verbal.

### 3. Causativização e valência em Asuriní do Xingu

A causativização é um fenômeno de grande relevância para o estudo da valência no Asuriní do Xingu, assim como tem se mostrado para outras línguas Tupí, entre elas Emerillon (Tupí-Guaraní, Rose 2003), Kamaiurá (Tupí-Guaraní, Seki 2000), Tapirapé (Tupí-Guaraní, Leite 1994), Mekéns (Tupari, Galúcio 2009). Na língua, são encontrados causativos lexicais e morfológicos, não tendo sido atestados causativos sintáticos puros, conforme autor (Pereira 2022, ms. submetido à publicação). Essa língua apresenta uma rica morfologia derivacional proveniente da causativização. São três causativos  $\{mu-\}$ ,  $\{eru-\}$  e  $\{-ukat\}$  que se anexam a diferentes tipos verbais, expressando distintos tipos de causativização, como se pode ver nos dados seguintes:

## a) intransitivo ativo

(1a) *jĩn* ‘correr’(1b) *djawara kudjema’e u-mu-jĩn*  
onça homem 3-CAUS-correr  
‘a onça fez o homem correr’(2a) *djeki* ‘entrar’(2b) *ere-eru-djeki*  
2SG- CAUS.SOC-entrar  
‘você fez (ele) entrar, entrando junto’

## b) intransitivo descritivo

(3a) *ruỹn* ‘estar frio’(3b) *myra karu u-mu-ruỹn*  
NPR comida 3-CAUS-esfriar  
‘myra esfriou a comida’

## c) Verbo transitivo

(4a) ‘*u*’ ‘comer’(4b) *tapitxi ene Ø-memira u-‘u-kat djawara upe*  
coelho 2SG REL-filho 3-ingerir-CAUS onça POSP  
‘o coelho fez a onça comer teu filho’

Como se pode ver nos dados acima, os morfemas causativos ocorrem em diferentes tipos verbais: intransitivo ativo em (1b) e em (2b), intransitivo descritivo em (3b), transitivo em (4b) e alteram a estrutura funcional da sentença. Podemos observar que a causativização imprimiu alteração na semântica do verbo e nas relações gramaticais dos constituintes nas sentenças: um verbo intransitivo, cuja semântica era estativa, passou a transitivo e a indicar um processo (3b); um verbo, que na sua forma básica era monovalente em (1a), diante da causativização, passou a bivalente em (1b). Na análise da transitividade em (1b), observamos que, semanticamente, há uma mudança de estado em que o participante agente afetou o participante paciente mediante uma ação intencional e voluntária com a finalidade de atingir um objetivo, correspondendo ao protótipo de transitividade semântica; no que se refere à transitividade sintática, tem-se um verbo derivado bivalente que se refere a dois argumentos nucleares sujeito e objeto, expressos nos sintagmas nominais *djawara* e *kudjema’e*, respectivamente. Dessa forma, o uso do causativo, além aumentar a valência verbal, provocando o aparecimento de mais um argumento nuclear na sentença, provocou também alteração no significado verbal, revelando que alterações em um campo da linguagem podem afetar outro(s). Nesse caso específico, alterações gramaticais afetaram diretamente a semântica e os participantes da sentença.

### 3.1 Causativização e valência em sentenças intransitivas

Em Asuriní do Xingu, a classe de verbos intransitivos está dividida em duas subclasses: uma ativa e outra descritiva ou inativa (cf. Pereira 2021). A cisão dessa classe se manifesta também na codificação de sujeitos nas sentenças. Na classe ativa, os argumentos S e A funcionam da mesma maneira: prefixos pessoais da série I, anexados ao verbo, podem codificar o sujeito da oração ou estabelecer relação de correferência com um SN sujeito expresso por nome ou por pronome (Pereira 2021). Já na classe inativa, os sujeitos são codificados por pronomes pessoais.

**Tabela 1.** pronomes pessoais e prefixos da série I

Pessoas	Pronomes pessoais	Prefixos da série I
1ª P. SG	dje	a-
2ª P. SG	ene	ere-
1ª P. INCL.	djane	txa-
1ª P. EXCL.	ure	uru-
2ª P. PL.	pene	pe-
3ª P. SG/PL	ga (M), ã (F) / gy	u-

Fonte: Pereira (2021)

Nessa língua, verbos de sentenças intransitivas podem ser causativizados por dois morfemas: {*mu-*} e {*eru-*}, cada um deles imprimindo um tipo de causativização à sentença e, conseqüentemente, semânticas distintas, como poderemos conferir mais adiante.

O morfema {*mu-*} expressa causativização direta e só se anexa a raízes intransitivas.

(5a) *kunumi u-pat*  
 menino 3-pular  
 o menino pulou

(5b) *myra kunumi u-mu-pat*  
 NPR menino 3-CAUS-pular  
 ‘myra fez o menino pular’

(6) *kunumi dje mu-‘at*  
 menino 1SG CAUS-cair  
 ‘o menino me fez cair’

Os exemplos acima mostram que o argumento único da sentença em (5a) passa a exercer a função de objeto na sentença causativizada em (5b), diante do surgimento de um novo argumento na sentença ocupando a posição de sujeito. Em virtude desse novo arranjo na estrutura da sentença, surgem alterações sintáticas e semânticas relevantes para a compreensão da sentença. Sintaticamente, há o aumento de valência verbal, um verbo que em sua forma básica era monovalente quando foi causativizado passou a exigir mais um argumento. Semanticamente, com a introdução de um novo participante, houve ressignificação e redistribuição dos papéis dos participantes. Como se pode observar em (5a), o argumento único da sentença desempenhava o papel semântico de agente; já na sentença derivada passou a desempenhar o papel de paciente e o novo argumento da sentença (5b) é quem passou a desempenhar o papel de agente. Essas alterações semântico-sintáticas são responsáveis pelo

aumento de valência da construção, que é desencadeado após a afixação do causativo ao verbo em sua forma básica.

O causativo {*eru-*}, assim como {*mu-*}, afixa-se a verbos intransitivos (Pereira 2022, ms. submetido à publicação), mas diferentemente deste, sua semântica expressa causativização sociativa, ou seja, o *CAUSER* participa ativamente da ação com o *CAUSEE*, o que não acontece na causativização direta com {*mu-*}, visto que nesta o *CAUSER* participa do evento, agindo sobre o *CAUSEE* com o propósito de levar este a realizar o evento descrito no verbo, ou seja, *causer* manipula *CAUSEE* para realizar o evento verbal.

(7a) *kunumi u-jĩn*  
menino 3-correr  
o menino correu

(7b) *kujĩ kunumi u-eru-jĩn*  
mulher menino 3-CAUS.SOC-correr  
'a mulher fez o menino correr correndo junto'

No exemplo acima, mesmo que *CAUSER* e *CAUSEE* participem conjuntamente da ação, há o rebaixamento do argumento Sa da sentença original a O na sentença derivada, seguindo a hierarquia das relações gramaticais.

Conforme se pode observar, nessa língua, os efeitos morfossintáticos da causativização de uma sentença intransitiva são os mesmos, independentemente de a causativização ter partindo de uma base intransitiva descritiva (3b) ou de uma base intransitiva ativa (5b): há o surgimento de um novo argumento nuclear e a codificação do sujeito é feita em conformidade com o paradigma dos verbos transitivos da língua, inclusive no que se refere a restrições impostas pela hierarquia de pessoa,<sup>2</sup> exemplo (6), inexistindo a diferença entre os tipos verbais, ou seja, a causativização morfológica de sentença intransitiva faz surgir uma sentença transitiva derivada na língua, que funciona de maneira idêntica a outras construções transitivas dessa língua. Contudo, podem ser observadas diferenças semânticas entre uma sentença transitiva básica e uma sentença transitiva derivada por causativização, visto que nesta existe um *CAUSER* que age sobre um *CAUSEE* levando-o a realizar o evento descrito no verbo, o que não é observado na sentença transitiva não causativizada ou básica. A análise desses dados reforça um dos princípios básicos da linguística funcional: a morfossintaxe interna da oração só pode ser entendida com referência às funções semânticas e pragmáticas de suas unidades constituintes (Foley & Van Valin 1984: 14).<sup>3</sup>

### 3.2 Causativização e valência em sentenças transitivas

Em Asuriní do Xingu, o verbo transitivo só pode ser causativizado com o morfema {-*ukat*}. Esse causativo, conforme Pereira (2022, ms. submetido à publicação), exprime causativização indireta, o *CAUSER* não participa fisicamente da execução do evento, mas age voluntariamente sobre outro participante com o objetivo de conduzi-lo à realização do evento verbal. Dessa forma, não existe envolvimento físico do *CAUSER*, já que o evento é realizado por outro participante: o *CAUSEE*, mas existe o envolvimento psicológico, pois, provavelmente, o

<sup>2</sup> Informações sobre o funcionamento da hierarquia de pessoa na língua Asuriní do Xingu podem ser vistas em Pereira (2015).

<sup>3</sup> "...one of the basic principles of functional linguistics is that clause-internal morphosyntax can only be understood with reference to the semantic and pragmatic functions of its constituent units, and consequently the major task is to describe the complex interaction of form and function in language". (Foley & Van Valin 1984: 14)

evento não ocorreria sem sua participação como influenciador. Assim, esse causativo distingue-se dos demais causativos formal e funcionalmente, como poderemos constatar.

(8a) *apa* ‘fazer

(8b) *kudjema’e ture u-apa*  
 homem flauta 3-fazer  
 ‘o homem fez a flauta’

	A	O	a-V	OI	
(8c)	<i>kudjema’e</i>	<i>iara</i>	<i>u-apa-ukat</i>	<i>kunumi</i>	<i>upe</i>
	homem	canoa	3-fazer-CAUS	menino	POSP
	‘o homem mandou o menino fazer a canoa’				

O verbo *-apa*, em sua forma básica, semanticamente, indica a presença de dois participantes: um agente, que executa a ação prevista no verbo e um paciente, que é afetado por essa ação. No nível sintático, a sentença (8b) é transitiva, apresentando uma estrutura com dois argumentos nucleares- sujeito e objeto- correspondendo aos papéis semânticos agente e paciente, respectivamente. Quando o causativo {-*ukat*} é afixado a esse verbo, faz surgir um novo participante, passando o predicado de bivalente a trivalente (8c). O causativo, portanto, fez aumentar a valência verbal. Diante dessa situação, faz-se necessário que a língua apresente estratégia para comportar o novo participante, ocorrendo um novo arranjo estrutural e funcional na sentença. Tipologicamente, neste tipo de situação, salvo variações, as línguas tendem a se comportar das seguintes formas: (a) aquelas que aceitam dois objetos expressam *CAUSEE* e objeto originário da mesma forma; (b) entre aquelas línguas que não aceitam dois objetos podem ocorrer a manutenção do objeto e a codificação do *CAUSEE* como oblíquo, ou o *CAUSEE* assumir o papel do O, enquanto este é rebaixado.

Na língua, o novo participante que surge com a causativização da sentença, o *CAUSEE*, é inserido nela por meio de um sintagma posposicional que tem como núcleo a posposição dativa *upe*, tornando-se distinto de A e de O. Em virtude de não aceitar dois objetos diretos em uma mesma sentença, contrariamente ao que pode acontecer em outras línguas- mesmo sendo um fenômeno raro- o Asuriní do Xingu atribui a esse novo argumento o papel de OI (objeto indireto), sendo marcado no dativo, funcionando em conformidade com a hierarquia das relações gramaticais proposta por Comrie (1989). No exemplo (8c), acima, aparecem os argumentos *kudjema’e*, argumento A, participante *CAUSER*; *iara*, argumento O, participante afetado; e *kunumi*, argumento OI, participante *CAUSEE*, o executor do evento.

Outra estratégia para lidar com o aumento do número de participantes na sentença é o apagamento do *CAUSEE* naquelas situações em que é conhecido no discurso ou sua identificação é de pouca relevância, como se pode nos exemplos reproduzidos abaixo:

(9a) *myra t-yru u-futuka*  
 NPR 3.GEN-roupa 3-lavar  
 ‘myra lava roupa’

(9b) *t-yru a-futuka-ukat*  
 3.GEN-roupa 1-lavar-CAUS  
 ‘eu mandei lavar roupa’

No dado acima, observa-se que o objeto direto inicial se manteve na sentença derivada, e o *CAUSEE*, participante que realizou o evento descrito no verbo, foi apagado. Dessa maneira,

a sentença não codifica o objeto indireto, ficando sua estrutura formada por sujeito, objeto direto e o verbo derivado.

Dados como aquele que aparece em (8c) ilustram que a causativização de verbos transitivos, nessa língua, segue o padrão tipológico de línguas que não aceitam dois objetos diretos na mesma sentença, mantendo o objeto direto originário e codificando o *CAUSEE* como oblíquo. Além disso, dados como (9b) mostram também que é possível a manutenção do objeto direto e o apagamento do *CAUSEE*.

A sentença transitiva derivada por causativização codifica o *CAUSEE* no dativo, da mesma forma que o objeto indireto de uma sentença bitransitiva na língua, isto é, recebe a mesma marcação de um OI de uma sentença bitransitiva não derivada. Pode-se constatar isso comparando o dado (10), abaixo, com o dado (8c), acima.

- (10) *dje ipira a-mana antonia upe*  
 1SG peixe 1-SG-dar NPR POSP  
 ‘eu dei peixe à Antônia’

Em síntese, percebe-se que a causativização provoca o surgimento de um novo participante na construção exercendo o papel sintático de sujeito. Assim, as sentenças básicas monovalentes passam a bivalentes e estas a trivalentes, ou seja, a causativização da sentença faz surgir um novo argumento e aumenta a valência da sentença derivada. Desse modo, o uso dos causativos morfológicos vem corroborar com a premissa tipológica segundo a qual esse tipo de causativo atua como um forte impulsionador do aumento de valência clausal.

#### 4. Conclusão

Este trabalho discutiu a causativização como um mecanismo de aumento de valência no Asuriní do Xingu, mostrando que os efeitos sintáticos da causativização na valência verbal aparecem ao lado de outras alterações em níveis distintos da sentença. Um efeito direto da causativização é a transitividade da sentença na língua, havendo uma relação intrínseca entre o surgimento do *causer* e o agente na sentença derivada.

O artigo constatou que no nível morfossintático uma sentença transitiva derivada por causativização se comporta de maneira idêntica a outras construções transitivas da língua, mas que semanticamente subsiste diferença entre uma sentença transitiva básica e uma sentença transitiva derivada por causativização, visto que nesta existe um *CAUSER* que age sobre um *CAUSEE* com o objetivo de levá-lo a executar o evento descrito no verbo, o que não é observada na sentença transitiva não causativizada. Além disso, mostrou que morfossintaticamente inexistente distinção entre uma sentença transitiva derivada por causativização a partir de um verbo intransitivo ativo ou a partir de um verbo intransitivo descritivo.

Finalmente, o artigo demonstra que a causativização, nessa língua, apresenta características em comum com a causativização nas línguas em geral, sustentando a ideia de que existe uma estreita relação entre causativização, transitividade e aumento de valência.

#### Referências

- Comrie, Bernard (1989). Causative Constructions. In *Language universals and linguistic Typology*, pp. 165-184. Chicago: The University of Chicago Press.
- Creissels, Denis (2016). *Transitivity, valency, and voice*. Porquerolles-França: European Summer School in Linguistic Typology.  
<http://www.deniscreissels.fr/public/Creissels-ESSLT.pdf>

- Fillmore, Charles J. (1976). Algunos problemas de la gramática de casos. En Víctor Sánchez de Zavala. *Semántica y sintaxis en la lingüística transformatoria*, vol. 2: 171-200. Madrid: Alianza editorial.
- Dixon, R.M.W. (2000). A typology of causatives: form, syntax and meaning. In R.M.W. Dixon & Alexandra Y. Aikhenvald (eds.), *Changing valency*, pp. 30-83. Cambridge: Cambridge University Press.
- Dixon, R.M.W.; Aikhenvald, Alexandra Y. (2000). Introduction. In R.M.W. Dixon; Alexandra Aikhenvald Y.(eds.), *Changing valency: Case studies in transitivity*, pp. 1-29. Cambridge: Cambridge University Press.  
<https://doi.org/10.1017/CBO9780511627750.002>
- Foley, William; VAN VALIN, Robert Jr. (1984). *Functional syntax and universal grammar*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Galúcio, Ana Vilacy (2009). Causativização na língua Mekens. *Revista Moara* 32: 171-188.  
<http://dx.doi.org/10.18542/moara.v2i32.3650>
- Haspelmath. Martin; Müller-Bardey, Thomas (1991). *Valence change*. MPI Leipzig & Universität Mainz.  
[https://www.eva.mpg.de/fileadmin/content\\_files/staff/haspelmt/pdf/2005val.pdf](https://www.eva.mpg.de/fileadmin/content_files/staff/haspelmt/pdf/2005val.pdf)
- Kemmer, Suzanne; Verhagen, Arie (1994). The grammar of causatives and the conceptual structure of events. *Cognitive Linguistics* 5(2): 115-156.  
<https://doi.org/10.1515/cogl.1994.5.2.115>
- Kulikov, Leonid (2010). Voice typology. In Jae Jung Song (ed.), *The Oxford handbook of linguistic typology*, pp. 368-398. Oxford: Oxford University Press.
- Leite, Yonne (1994). As construções causativas em Tapirapé. *Revista Latinoamericana de Estudios Etnolingüísticos* 3: 73-86.
- Pereira, Antônia Alves (2009). *Estudo morfossintático do Asurini do Xingu* (Tese doutorado em linguística). Campinas, SP.: Universidade Estadual de Campinas.  
<https://hdl.handle.net/20.500.12733/1609402>
- Pereira, Antônia Alves (2015). Aspectos da hierarquia de pessoa em Asurini do Xingu. *Revista Educação e Linguagens* 4(6): 97-106.  
<https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistaeducplings/article/view/6396>
- Pereira, Antônia Alves (2021). Marcação de caso e funções sintáticas em Asurini do Xingu. *Revista Moara* 58: 79-102. <http://dx.doi.org/10.18542/moara.v0i58.10851>
- Pereira, Antônia Alves (2022). *Causativização em Asurini do Xingu*. Ms. submetido à publicação.
- Rose, Françoise (2003). *Morphosyntaxe de l'eméillon. Une language tupi-guarani de Guyane Française* (Tese Doutorado). França, Université Lumière Lyon 2.  
<https://tel.archives-ouvertes.fr/tel-00452100>

- Seki, Lucy (2000). *Gramática do Kamaiurá: Língua Tupi-Guarani do Alto Xingu*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- Shibatani, Masayoshi (ed.) (2002). *The grammar of causation and interpersonal Manipulation* [Typological Studies in Language 48]. Amsterdam: John Benjamins.  
<https://doi.org/10.1075/tsl.48>
- Shibatani, Masayoshi; Pardeshi, Prashant (2002). *The causative continuum*. In Masayoshi Shibatani (ed), *The grammar of causation and interpersonal Manipulation* [Typological Studies in Language 48], pp. 85-126. Amsterdam: John Benjamins.  
<https://doi.org/10.1075/tsl.48.07shi>
- Song, Jae Jung (2014). *Linguistic typology: Morphology and syntax*. New York: Routledge,
- Talmy, Leonard (2007). Lexical typologies. In Timothy Shopen (ed.), *Language typology and syntactic description*. 2<sup>nd</sup>.edn., vol. 3. Grammatical categories and the lexicon, pp. 66-168. Cambridge: Cambridge University Press.
- Velupillai, Viveka (2012). *An introduction to linguistic typology*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

## ABREVIATURAS

1	primeira pessoa
2	segunda pessoa
3	terceira pessoa
A	sujeito de verbo transitivo
CAUS	causativo
EXCL	exclusivo
INCL	inclusivo
NPR	nome próprio
M	masculino
NMLZ	nominalizador/nominalização
O	objeto
OI	objeto indireto
PAS	tempo passado
PL	plural
POSP	posposição
REL	prefixo relacional
Sa	sujeito de verbo intransitivo ativo
SG	singular
SOC	causativo sociativo
V	verbo

#### AGRADECIMENTOS

Agradeço ao povo asuriní do Xingu por compartilhar comigo o ensino de sua língua. Agradeço a meu supervisor do Pós-doutorado Angel Humberto Corbera Mori pelas sugestões de leitura e pela discussão de alguns dados, sendo a análise apresentada de minha inteira responsabilidade. Agradeço também aos pareceristas pela contribuição.

#### DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

A autora, Antônia Alves Pereira, declara a ausência de interesse do tipo comercial ou associativo que represente um conflito de interesse em relação à publicação deste artigo.

#### CONTRIBUIÇÃO DE CADA AUTOR

O artigo foi elaborado e revisado por sua autora.

Este artigo faz parte do projeto de pesquisa “*Causativização em Asuriní do Xingu*”, desenvolvido na Universidade Estadual de Campinas como atividade de Pós-doutorado. Foi elaborado a partir de uma base de dados coletados ao longo de nossa pesquisa junto ao povo asuriní do Xingu.

Recebido: 26/5/2022

Versão revista: 19/8/2022

Aceito: 22/8/2022

Publicado: 30/8/2022